



## NIETZSCHE E CAEIRO: POR QUE DAMOS VALORES ÀS COISAS?

DOI: 10.17058/barbaroi.v62i2.16164



**Barbara Smolniakof**

*Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina – SED/SC – Brasil*

**Ozeias de Freitas Rodrigues**

*Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina – SED/SC – Brasil*



### Resumo:

Este ensaio faz uma leitura filosófica de um canto de Alberto Caeiro e, a partir do tema do valor, aproxima-o do que Nietzsche esboçou a respeito do tema. A pergunta que surge no poema: “Por que atribuo eu beleza às coisas?” é fundamentalmente filosófica, já que se pergunta pelo *porquê* de atribuir beleza às coisas do mundo e trata do valor. Uma vez apresentada a pergunta, traremos a filosofia de Nietzsche como um modo de pensar uma resposta para ela levando em conta o que este filósofo disse sobre o tema.

**Palavras-Chave:** Nietzsche, Caeiro, Valor.

### Introdução

Este ensaio tem como proposta fazer uma leitura filosófica do canto XXVI de *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro, consagrado heterônimo de Fernando Pessoa. No poema selecionado, intitulado ‘às vezes, em dias de luz perfeita e exacta’ (1914), o eu-lírico<sup>1</sup> traz a pergunta: por que são atribuídos valores às coisas? Pois sendo elas apenas *coisas* que existem e são *sentidas*, não parece haver justificativa para lhes atribuir qualquer valor que as exceda ou extrapole sua simplicidade de apenas existir. Isso poderia ser aproximado ao que Nietzsche escreve em *A Gaia Ciência* (1881), e também em *Assim Falou Zaratustra* (1883-85), a respeito dos valores. Segundo ele, a criação e atribuição de valores às coisas é a atividade que caracteriza o exercício do homem enquanto vontade de poder, que é realizada a partir de uma necessidade fisiopsicológica de crescimento e manutenção da vida que o cria. Ora, se os valores são humanos, demasiado humanos, então eles não são elementos das próprias coisas, mas atribuições *humanas*, modos humanos de ver e pensar o mundo.

### **Caeiro: A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe**

Alberto Caeiro é tomado por Pessoa como o mestre ingênuo, aquele que recusa radicalmente a atividade de conceituar as coisas a fim de pensá-las. No lugar do pensamento conceitual, Caeiro procura *ver* as coisas, senti-las pura e simplesmente como elas existem. Esta atitude de uma inocência frente à natureza, que não a subverte ao pensamento racional, mas procura senti-la com as sensações é caracterizada como seu *paganismo*, que etimologicamente remete aos aldeões e camponeses que cultuam a natureza e suas forças. Sem a imposição de um pensamento conceitual às coisas do mundo, Caeiro procura vê-las e se deslumbrar com a simplicidade de que elas simplesmente *são*, isto é, estão no mundo<sup>2</sup>. Tal comportamento tem como pressuposto uma crítica ao pensamento moderno, mais precisamente ao Iluminismo, cujo fio condutor era a racionalidade humana enquanto o elemento que possibilitaria o progresso, a própria autonomia do sujeito e o conhecimento das coisas que teria a faculdade do entendimento como via de acesso.

Contra o movimento iluminista, que enfatizava a razão e o entendimento, Pessoa, e mais notavelmente Caeiro, assume a sensibilidade como o meio de acesso às coisas. O

<sup>1</sup> Usamos “eu-lírico” como referência a Caeiro somente para indicar aquele que está narrando, dado que o poema é de sua autoria. Contudo, o termo “eu-lírico” não está sendo usado aqui no sentido comum do termo a voz que expressa subjetividade, pois os heterônimos de Pessoa, e em especial Caeiro, recusam-na (ou criticam-na) enquanto um conceito moderno, que designa um eu construído a partir da consciência.

<sup>2</sup> Para mais elucidações sobre a poesia de Caeiro como um resgate do paganismo e uma reação à filosofia Cf. BORA, 2018, p. 138-140.

entendimento, ao invés de ser a faculdade que possibilita julgar o mundo e conhecê-lo mediante a criação de conceitos, está condicionado pela sensibilidade como o aspecto do homem que o põe em contato com a natureza. Nesse sentido, ver é mais importante, antes até, anterior ao próprio pensar. A sensação do mundo, isto é, a relação imediata que o homem estabelece com o mundo ao senti-lo é o que o caracteriza fundamentalmente como ser humano. Sentir, pura, simples e inocentemente era a intenção de Caeiro, sem conceitos e juízos de valor a respeito do que vê. É o que pode ser percebido no canto XXVI de *O Guardador de Rebanhos*, onde Caeiro diz (PESSOA, 2013, p.58):

Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta  
 Em que as coisas têm toda a realidade que podem ter  
 pergunto a mim próprio devagar  
 Porque sequer atribuo eu  
 Beleza às coisas.  
 Uma flor acaso tem beleza?  
 Tem beleza acaso um fruto?  
 Não: têm cor e forma  
 E existência *apenas*.  
 A beleza é o nome de qualquer coisa que *não existe*  
 Que *eu dou às coisas* em troca do *agrado* que me dão.  
 Não significa nada.  
 Então porque digo eu das coisas: são belas?  
 Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,  
 Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens  
 Perante as coisas,  
 Perante as coisas que simplesmente existem.  
 Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!

É característico de Caeiro usar como grande temática de seus poemas a natureza, no poema supracitado não é diferente: ele começa falando da luz do dia e das coisas, tal como ele as percebe (pelas suas sensações). Logo em seguida, ele coloca a pergunta: Por que atribuir beleza às coisas que vê? Qual a relação entre o valor “belo” e as coisas tais como elas são (vistas) em sua simplicidade? O que propriamente uma flor tem de beleza? O que um fruto

(visto, ou cheirado) tem de beleza? Uma pergunta ainda mais básica pode ser colocada antes destas que ele mesmo põe em seus versos: o que é propriamente a beleza? A beleza é um valor estético que nós, seres humanos, atribuímos às coisas conforme somos afetados por elas.

Ora, se a beleza, enquanto valor estético, ou quaisquer outros valores são atribuições que o homem dá às coisas, então uma flor em si mesma, na simplicidade de seu existir, não tem nada de beleza. Nesse sentido, as coisas, como as flores e os frutos, não têm beleza, mas “têm cor e forma e existência *apenas*”. Caeiro parece estar de acordo com a ideia de que os valores (mais precisamente a beleza) são elementos que o homem atribui às coisas, ou seja, não existem no mesmo sentido que existe uma flor ou um fruto, mas a partir de uma relação estabelecida entre o homem e as coisas: “a beleza é o nome de qualquer coisa que *não existe*, que *eu dou às coisas* em troca do *agrado* que me dão”. Chamamos belo algo que nos agrada esteticamente, a partir de uma relação que estabelecemos com um objeto pelo qual nos deixamos afetar, como uma música por exemplo. Com efeito, enfatiza-se que o valor *depende* da relação do homem com o mundo, enquanto a flor ou o fruto *independem* dela.

Se a beleza é um valor criado pelo homem e atribuído às coisas, então não significa nada, no sentido de que não se refere à coisa nenhuma porque não existe na realidade. Ora, se as coisas não são belas e se a beleza não existe e não significa nada, porque não se refere a nada, então: “por que digo eu das coisas: são belas?”: eis a questão central deste canto. Por que atribuir ao mundo algo a que ele não corresponde? De onde surge esta necessidade de dar valor às coisas ao invés de simplesmente olhá-las, cheirá-las e tocá-las? Para quê e por que os valores?

Caeiro não chega a responder a questão central por completo, apenas diz que mesmo a ele, que tenta viver simplesmente, chegam estas mentiras que os homens inventam perante as coisas que simplesmente existem. A intenção da poesia de Caeiro é viver simplesmente, sem atribuir às coisas do mundo quaisquer valores. Os valores, como a beleza, criados pelo homem servem para dar às coisas aspectos que não lhes são próprios, para confundir sua simplicidade e obscurecer a sensação que temos delas. É nesse sentido que Caeiro diz que estes valores são mentiras que os homens inventam e tomam como o valor intrínseco das próprias coisas.

Um ponto importante e que merece destaque é o final do canto, onde ele diz: “Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!”. Isso vai em consonância com a pergunta posta por ele: porque dar às coisas valores que não lhes cabem, porque subverter a própria realidade das

coisas e dificultar sua visão pura e simples? Até mesmo para ele é difícil ser do modo como pretende e ver apenas o visível, isto é, as coisas sem avaliação. Embora ele pretenda simplesmente *ver* o mundo sem valorá-lo, simplesmente ver uma flor sem dizer que ela é bela, ele não consegue, porque também valora.

### **Valor Enquanto Problema Filosófico**

Apesar de Caeiro afirmar que não tem filosofia (PESSOA, 2013, p.37), o problema posto ou proposto por ele se caracteriza fundamentalmente como um problema filosófico: o que são estas coisas que atribuímos à realidade na medida em que ela nos agrada ou desagrade e que chamamos “valores”? E, mais fundamentalmente: *porque* atribuímos estes valores às coisas do mundo? Além disso, há duas características que o aproximam de filosofias como a de Windelband: os valores são dependentes dos homens e parecem resultar da agradabilidade causada nestes pelos objetos.

E, por ser uma pergunta de caráter filosófico, houve filósofos que não só se depararam com esta questão, mas também tentaram respondê-la. A partir da segunda metade do século XX, por exemplo, surgiu uma corrente toda na filosofia que se dedicava exclusivamente aos valores, a defini-los e tentar estabelecer quais suas propriedades e o que os fundamenta: a axiologia ou teoria dos valores.<sup>3</sup> Não é nosso escopo aqui nos dedicarmos a esta corrente, mas o que tentamos enfatizar ao mencioná-la é que o “valor”, seja enquanto conceito ou enquanto algo atribuído ou reconhecido no mundo, é de grande importância e suscita questões filosóficas. O tema do valor, por ser algo diretamente ligado ao homem, na medida em que se o reconhece como aquele que dá estes valores ao mundo, explora a própria natureza humana.

Mas não foi apenas a partir da axiologia que o valor esteve na mira da filosofia como problema. Nietzsche é um exemplo disso, no entanto, ele pensa o valor sob uma perspectiva crítica da moral tradicional e sob uma proposta de criação de novos valores a partir desta crítica. O trabalho no qual ele mais se detém à questão dos valores é seu escrito *Genealogia*

---

<sup>3</sup> Para mais elucidações a respeito da axiologia, recomendamos a leitura de *Filosofia dos Valores* de Johannes Hessen. Ele apresenta um breve histórico do problema do valor na história da filosofia e faz um apanhado geral das principais correntes dentro da filosofia dos valores a partir de seus métodos e abordagens. Também justifica o uso do termo “teoria dos valores” para se referir a uma teoria geral sobre o “valor”, o “valer”, seus fundamentos e propriedades.

*da Moral* e seus alvos são os valores morais bem e mal. Ali, ele se pergunta: para que e por que existem os valores bem e mal? A partir de que momento eles passaram a vigorar e ganhar o peso que têm na nossa cultura?

O pressuposto para sua proposta genealógica de designar a valoração como algo humano é uma crítica direta à metafísica tradicional (sobretudo Platão, Wolff e Kant) e à religião judaico cristã, segundo as quais o “Bem” é um transcendental eterno e imutável, sem antecedentes ou origem. Contra isso, Nietzsche assume uma perspectiva histórica e pragmática e defende a tese de que os valores foram forjados em determinado momento da história por uma determinada casta devido a uma necessidade específica. Os valores, portanto, são criações do homem que servem para orientar ações e mediar relações e produções. E isso vale tanto para os valores morais como o bem, quanto para valores epistêmicos, como a verdade, estéticos, como a beleza e de qualquer outra espécie.

### **Nietzsche: o homem como animal que cria valores**

Apesar de seu estudo mais detido ser a *Genealogia*, é possível vislumbrar em outras obras anteriores uma preocupação com a questão da valoração. Em seu livro intitulado *Assim Falou Zaratustra*, ele define o homem como o animal que cria valores. A criação de valores é a atividade mais característica do homem, anterior à própria racionalidade. E entender isto exige alguns pressupostos. Em primeiro lugar, Nietzsche concebe o homem como mais um elemento orgânico da natureza. Em segundo lugar, tudo o que é orgânico é constituído por uma gama de forças que estão em movimento, crescimento e fortalecimento. E todas as coisas vivas compostas por estas forças têm o que Nietzsche chama de “vontade de poder”, que é o caráter próprio das forças em expansão e que mantém as coisas vivas. Vontade de poder, portanto, é o caráter de tudo o que é vivo.

Neste holismo concebido por Nietzsche, o homem se encontra também como algo orgânico constituído por forças em crescimento e domínio que são mantidas por sua vontade de poder. Contudo, o modo como a vontade de poder humana se expressa é muito peculiar em comparação aos outros organismos. É na atividade de criar valores que o homem encontra seu modo próprio de exercê-la. Ora, se a vontade de poder está relacionada à vida e ao crescimento desta, a criação e atribuição de valores é uma atividade fundamental para a vida

do homem, não somente para ele sobreviver, mas para se expandir. Em *De mil e um fitos*, na primeira parte de *Zaratustra*, Nietzsche afirma (1998, p.75):

Valores às coisas conferiu o homem, primeiro, para conservar-se – criou, primeiro, o sentido das coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama “homem”, isto é: aquele que avalia.

Avaliar é criar: escutai-o, ó criadores! O próprio avaliar constitui o grande valor e a preciosidade das coisas avaliadas. Somente há valor graças à avaliação; e, sem a avaliação, seria vazia a noz da existência.

Primeiramente, observamos o que já mencionamos: a definição de “homem” a partir da sua atividade de criar valores. Nietzsche justifica o fato de o homem ser homem ou chamar-se “homem” pelo fato de ele criar valores: “Por isso ele se chama ‘homem’, isto é, aquele que avalia”. Em segundo lugar, Nietzsche sugere a razão pela qual o homem cria estes valores: “Valores às coisas conferiu o homem para conservar-se”; a conservação da própria vida é a função que Nietzsche parece dar à criação de valores pelo homem. Além disso, com o valor surge no mundo aquilo que faz com que o homem estabeleça uma relação com as coisas: o sentido. O valor é o veículo de sentido para as coisas e, conseqüentemente, para a própria existência do homem no mundo. Partindo da definição mais básica de “valor” como aquilo que tem importância (AUDI, 1999, p. 948), é ele que estabelece uma relação significativa que permite o homem viver no mundo e seguir uma direção (sentido).

Ora, se partirmos deste trecho de *Zaratustra* encontramos uma possível resposta à pergunta colocada por Caeiro: por que atribuímos valor às coisas se elas simplesmente existem e deveriam ser sentidas na simplicidade de sua existência? A resposta que poderia ser fornecida a partir da leitura de Nietzsche é: por que o modo que o homem encontrou de sobreviver e dar sentido à sua existência foi criando valores e atribuindo estes valores criados às coisas do mundo. É este o modo próprio do homem de viver. Enquanto animal que valora, é inevitável que ele crie valores e dê sentido ao mundo a partir destes valores<sup>4</sup>.

Se da perspectiva de Caeiro, a beleza (enquanto valor) não tem sentido, para Nietzsche, os valores em geral têm sentido somente a partir da avaliação, também não têm significado em si mesmos, mas a partir da necessidade humana de ser criados e atribuídos às coisas. Segundo

---

<sup>4</sup> Sobre o valor como algo criado pelo homem e conferido ao mundo, ver também NIETZSCHE, 2012, §301, “[...] a natureza é isenta de valor: - foi-lhe dado, oferecido um valor e fomos nós esses doadores e ofertadores!”.

Nietzsche, os valores são criações que surgem a partir da necessidade de conservação do organismo que os cria. Assim, o valor passa a ganhar sentido pela sua avaliação, isto é, a partir do momento em que sua criação passa a ser necessária.

Muito provavelmente, Caeiro não concordaria com esta perspectiva nietzschiana, pois, para ele, o sentido de viver estaria simplesmente em viver, não em atribuir um valor criado à vida. Porém, em certa medida esta resposta que Nietzsche oferece parece satisfatória, embora simples, pois diz porque criamos valores: basicamente porque necessitamos deles. Nota-se que Nietzsche não pretende atribuir aos valores nenhum caráter absoluto e nenhuma pretensão de verdade. Quanto a isso, pode-se dizer que ele estaria de acordo com Caeiro quando este diz que estes valores que atribuímos às coisas são mentiras, pois não dizem nada sobre a coisa mesma: dizer que uma flor tem beleza não diz nada sobre a própria flor. A certa altura Nietzsche inclusive reconhece que os valores são mentiras, no sentido de que não dizem nada das próprias coisas.

Em sua *A Gaia Ciência*, livro que antecede o *Zaratustra*, Nietzsche fala mais a respeito dos valores e de como eles são atribuições *humanas*, dadas ao mundo, antropomorfismos em certa medida úteis. No aforismo 109 intitulado *Guardemo-nos!*, o filósofo dá algumas sugestões de como falar a respeito do mundo sem violar seu caráter. Para ele, é inadequado falarmos que o mundo é um ser vivo, orgânico, ou que os movimentos realizados pelos astros são perfeitos, por exemplo.

Com efeito, tais observações têm como alvo ideias de escritores que ele lia e que envolvem outros problemas muito específicos, como o caso de Karl Eugen Dühring, Thomson, Helmholtz, Schopenhauer, etc. Mas o que é relevante nesse momento é o que ele pensa a respeito do mundo: não se pode atribuir nada a ele que não lhe convenha, pois o caráter geral do mundo é o *caos*, “não no sentido de ausência de necessidade, mas de ausência de *ordem, divisão, forma, beleza, sabedoria* e como quer que se chamem nossos *antropomorfismos estéticos*” (NIETZSCHE, 2012, p.126-127. Ênfase nossa).

O que Nietzsche defende aqui é algo muito próximo ao que Caeiro dizia do mundo: ele é *simples* e, mais precisamente segundo a perspectiva nietzschiana, simplesmente *caos*. Continuando o aforismo, Nietzsche diz: “Guardemo-nos de atribuir-lhe [ao mundo] insensibilidade e falta de razão, ou o oposto disso: ele não é perfeito nem belo, nem nobre, e não quer tornar-se nada disso, ele absolutamente não procura imitar o homem! Ele não é



absolutamente tocado por nenhum de nossos juízos estéticos e morais” (NIETZSCHE, 2012, p.126-127. Ênfase nossa).

Parece haver alguma semelhança com o que Caeiro afirma acerca da natureza: têm beleza a flor e o fruto? Não, eles simplesmente existem. Nas palavras nietzschianas: não procuram imitar o homem, pois valores e juízos estéticos são *humanos*, uma vez que são criações da atividade humana de valorar. As coisas não são “tocadas” pelos juízos que os homens dão a elas, ou seja, as coisas não são ditas ou significadas nem alteradas pelos juízos humanos; a visão que os homens têm do mundo a partir de sua valoração pode até ser diferente e ter significado *para o homem*, pois é ele que precisa destes valores, não as coisas mesmas.

### **Considerações Finais**

Tal como Caeiro critica os homens que atribuem às coisas mentiras que tomam como verdades, Nietzsche também está criticando os filósofos com os quais ele estava discutindo: é possível perceber as presenças de Schopenhauer e Eduard von Hartmann em sua crítica por exemplo; aqueles que atribuem ao mundo insensibilidade e falta de razão, concebendo-o como obra de uma essência estúpida e cega, criado a partir de um erro (D’IORIO, 2006, p. 79).

Segundo o pensamento nietzschiano: o mundo não é nem perfeito, nem belo, nem nobre. Ora, se o mundo não é nada disso, então podemos dizer junto com Caeiro que ele é simples. Porém, o homem não consegue viver com a simplicidade que o mundo é e se põe a criar valores para procurar um sentido próprio atrás das coisas que simplesmente são. É por isso que é “difícil ser próprio e não ver senão o visível!”, ou seja, é difícil ao homem simplesmente ver as coisas da maneira inocente como pretendia Caeiro. Pois a valoração é a atividade humana por excelência, por isso ele não se contenta em ver sem julgar: é aquele que cria valores.

Vemos desse modo que se, como Caeiro pressupõe, o simples *contemplar* as coisas tem uma primazia e talvez seja até mais louvável que *julgá-las* como belas, boas etc., então a primazia, o louvável ou o que quer que Caeiro estivesse pensando, seria também uma valoração. Temos, assim, uma petição de princípio, o que demonstra o quão básico é o conceito de valor e o ato de julgar, do qual não podemos escapar e revela algo de nossa própria natureza.

*Nietzsche and Caeiro: why do we value things?*

**Abstract:**

This essay makes a philosophical reading of a poem by Alberto Caeiro and, based on the theme of value, brings it closer to what Nietzsche thinks about the theme. The question that arises in the poem: "Why do I attribute beauty to things?" it is fundamentally philosophical, since it asks about value. Once the question presented we will bring Nietzsche's philosophy as a way of thinking about the answer to it, taking into account what this philosopher said on the subject.

**Keywords:** Nietzsche, Caeiro, Value.

**Nietzsche y Caeiro: ¿ Por qué valoramos las cosas?**

**Resúmen:**

Este ensayo hace una lectura filosófica de un poema de Alberto Caeiro y, a partir del tema del valor, acerca de lo que Nietzsche planteó sobre el tema. La pregunta que surge en el poema: "¿Por qué atribuyo belleza a las cosas?", es fundamentalmente filosófica, ya que pregunta la razón para atribuir la belleza a las cosas del mundo y trata del valor. Una vez planteada la pregunta, traeremos la filosofía de Nietzsche como forma de pensar una respuesta a la misma, teniendo en cuenta lo que dijo este filósofo sobre el tema.

**Palabras clave:** Nietzsche, Caeiro, Valor.

**REFERÊNCIAS**

AUDI, R. **The Cambridge Dictionary of Philosophy**. Cambridge University Press, second edition, 1999.

BORA, M. R. A Poética Filosófica de Fernando Pessoa: Heteronímia, paganismo e a problemática do sentir x pensar. **Periódico Héstia**: Curitiba, v.2, n.1, 2018, p.129-154.

Disponível em:

[https://www.academia.edu/37503330/A\\_Po%C3%A9tica\\_Filos%C3%B3fica\\_de\\_Fernando\\_Pessoa\\_Heteron%C3%ADmia\\_paganismo\\_e\\_a\\_problema%C3%A1tica\\_do\\_sentir\\_x\\_pensar](https://www.academia.edu/37503330/A_Po%C3%A9tica_Filos%C3%B3fica_de_Fernando_Pessoa_Heteron%C3%ADmia_paganismo_e_a_problema%C3%A1tica_do_sentir_x_pensar)  
acesso em: 19/12/2020.

D'IORIO, P. O eterno retorno. Gênese e interpretação. In: **Cadernos Nietzsche**, n. 20, 2006, p.69-114.

HESSEN, J. **Filosofia dos Valores**. Tradução e prefácio do prof. L. Cabral de Moncada – 5. Edição. Coimbra: 1980 (coleção Stvdivm)

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. W. **Assim Falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário da Silva, 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PESSOA, F. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. Organização Carlos Felipe Moisés – 2. ed. – São Paulo: Ática, 2013. (Bom Livro)

SOUZA, C. F. Friedrich Nietzsche e Alberto Caeiro: paganismo e linguagem. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 36, n.1, 2015, p.245-265.

#### **Sobre os autores:**

**Barbara Smolniakof** é professora de Filosofia no ensino básico pela SED/SC, possui mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduação em Filosofia pela UNICENTRO/PR.

**Ozeias de Freitas Rodrigues** é professor de Filosofia no ensino básico pela SED/SC, possui mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná e graduação em Filosofia pela UNICENTRO/PR.